

A AMEAÇA DA LEISHMANIOSE

Doença avança e pode virar epidemia

Pelo jornalista Aloísio Brandão,
Editor desta revista

O farmacêutico Márcio Antônio da Fonseca e Silva é um estudioso dedicado da Leishmaniose. Viaja pelo Brasil, dando cursos sobre o assunto. E foi conhecendo as cidades que ele constatou uma realidade preocupante: o País não está longe de sofrer uma epidemia da doença. “Por ocasião da minha estada em Teresina, onde fui ministrar um curso a respeito de Leishmaniose, constatei a existência de focos, em bairros das zonas norte e sul”, revela Fonseca. Diz, ainda, que, na região Oeste do Estado de São Paulo, também, foram detectados casos da doença. “Pelos dados estatísticos ainda não existe epidemia, todavia, pelos fatores já enunciados e considerando o mecanismo de transmissão envolvendo homem-cão-flebotomo (NR.: Flebótomo - gênero de pequenos insetos dípteros, nematóceros, hematófagos, da família dos psicodídeos, que são vetores de diversas doenças. São mosquitos de asas hialinas, relativamente grandes, lan-

ceoladas, fortemente pilosas nos bordos, e pernas muito longas, e cujas larvas são aquáticas ou terrestres; algumas espécies criam-se em bambus ou bromeliáceas - “Dicionário Aurélio”), ela poderá ocorrer”, previne. Matéria completa, com histórico, etiologia, foco, diagnóstico e tratamento da doença encontra-se no *site* do CFF (www.cff.org.br). Clicar em “Notícias”. Márcio Fonseca é farmacêutico com experiência em Indústria (atuou em grandes empresas no desenvolvimento de novos produtos) e Farmácia Hospitalar. Tem pós-graduação em Administração Hospitalar e foi professor de Toxicologia da USP (Universidade de São Paulo). O Dr. Márcio Fonseca já presidiu o Conselho Federal de Farmácia. **Veja a entrevista.**

PHARMACIA BRASILEIRA - O senhor, nos dois últimos anos, vem alertando para o perigo de a Leishmaniose tornar-se uma epidemia, no Brasil. O País está caminhando-se para isso? Já existe epidemia em alguma região?

Márcio Fonseca - Sim. A Leishmaniose, no passado, era considerada uma zoonose, por estar restrita a áreas rurais de clima seco, com precipitação pluviométrica anual de 800 mm, e de ambiente fisiográfico composto por vales e montanhas, onde se encontram os chamados boqueirões e os “pés de serra”. Com o advento das transformações ambientais (devastação da flora e da fauna), associadas a movimentos migratórios, processo de urbanização e a facilidade dos meios de transporte, passou a ser considerada uma antropro-zoonose.

É classificada pelo MS/Funasa como endêmica, nos Estados de Roraima, Pará, Maranhão, Tocantins, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba, Bahia, Minas Gerais e Goiás; e, ainda, hiper-endêmica, em alguns Municípios dos Estados do Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Bahia e Mato Grosso.

PHARMACIA BRASILEIRA - Qual, dos tipos de Leishmaniose, o que mais tem avançado, no País? Quais são os seus principais sintomas?

Márcio Fonseca - A L. Visceral. Embora seja uma doença de notificação compulsória, a infecção pode se apresentar de várias formas: agudas, oligossintomática, clássica, refratária e oportunista/associada. Nas formas oligossintomáticas, como o próprio nome diz, a sintomatologia é leve, podendo, muitas vezes, passar despercebidas, ou ser confundidas com outros processos infecciosos de natureza benigna.

A forma clássica do Calazar apresenta-se, geralmente, associada a um quadro de desnutrição severa (cabelos quebradiços, cílios alongados, pele seca e edema de membros inferiores) e caracteriza-se pela presença de febre irregular, anemia, leucopenia, plaquetopenia, hipergamaglobulinemia, hipoalbuminemia e uma volumosa hepatoesplenomegalia. Com a evolução, mais de três meses, podem apresentar manifestações hemorrágicas (epistaxe e gengivorragia) e infecções da pele e vias aéreas superiores. A icterícia, eventualmente, está presente.

PHARMACIA BRASILEIRA - A Leishmaniose visceral é silenciosa, agressiva e os seus sintomas confundem-se com os de outras do-

“Por ser uma doença praticamente inexistente nos chamados países do Primeiro Mundo, os laboratórios farmacêuticos não têm interesse em fazer investimentos em pesquisa”.



enças. Por quanto tempo o protozoário *Leishmania* pode ficar no homem, de maneira assintomática?

Márcio Fonseca - Os sintomas variam para cada indivíduo, levando-se em conta os fatores nutricionais, imunológicos, estado de saúde. Encontramos várias referências nas literaturas com casos, em média, variando de dois a 16 meses o tempo de incubação.

PHARMACIA BRASILEIRA - Falemos de medicamentos para a Leishmaniose. Eles são eficazes e atualizados?

Márcio Fonseca - São eficazes. Todavia, em sua maioria, possuem efeitos colaterais indesejáveis, tais como cefaléia, calafrios, vômitos, dores musculares etc. e, em tratamentos prolongados, trazem comprometimento hepático, renal e cardíaco, requerendo acompanhamento com exames laboratoriais. O arsenal terapêutico utilizado pelo Ministério da Saúde está atualizado, em níveis nacional e internacional, com o que existe em disponibilidade no mercado. Mesmo assim, não é o ideal.

PHARMACIA BRASILEIRA - E o que seria o ideal?

Márcio Fonseca - O ideal seria que países, como o Brasil, onde há uma grande incidência da Leishmaniose, investissem em pesquisa. Os países onde não é registrada a doença não têm o menor interesse em pesquisar. Esta é uma doença de países economicamente excluídos.

PHARMACIA BRASILEIRA - Quando o senhor diz que “os países onde há incidência da doença deveriam investir em pesquisa”, o senhor está se referindo ao Estado e também à iniciativa privada?

Márcio Fonseca - Ao Estado, pois a iniciativa privada não tem interesse algum em investir numa pesquisa sobre novos medicamentos, face às desvantagens do custo-benefício em termos financeiros. Não interessa à indústria investir altos recursos financeiros num projeto cujo retorno é muito demorado.

PHARMACIA BRASILEIRA - Que órgãos poderiam se envolver com as pesquisas?

Márcio Fonseca - A Funasa (Fundação Nacional de Saúde), através da Fiocruz, do Instituto Butantã e das universidades.



Mosquito *Lutzomyia longipalpis*



Cão infectado (reservatório doméstico)



Protozoário *Leishmania* (parasita intracelular, de forma flagelada ou promastigota, encontrada no tubo digestivo do inseto vetor)

os laboratórios farmacêuticos não têm interesse em fazer investimentos em pesquisa. O medicamento mais moderno, pela limitada e infrequente incidência de efeitos secundários, é a Anfotericina B Liposomal, que faz parte do arsenal terapêutico adotado pelo Ministério da Saúde como medicamento de segunda escolha, em pacientes refratários a terapêutica com antimoniais pentavalentes, e/ou com comprometimento renal.

PHARMACIA BRASILEIRA - Falta pesquisa nesta área? O que caberia ao Governo no campo da pesquisa?

Márcio Fonseca - Por culpa do regime de exceção, nossos tradicionais institutos de pesquisas foram praticamente desmantelados. Felizmente, nos últimos anos, retomamos as atividades,

apesar das dificuldades de verbas. Temos ótimos e dedicados pesquisadores, em todo o País, e acredito que, com a atual política adotada pelo

Governo, teremos mais investimentos nesta área.

PHARMACIA BRASILEIRA - Pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro estão concluindo os estudos para a produção de uma vacina para cães, que são os hospedeiros urbanos do protozoário *Leish-*

mania, transmitido pelo mosquito *Lutzomyia longipalpis*. O senhor pode falar sobre essa vacina?

Márcio Fonseca - É verdade. A Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a coordenação da pesquisadora Clarisa B. Palatnik de Sousa, contando com o apoio de diversas fundações e da Funasa, desenvolveu uma vacina para imunizar os cães contra a Leishmaniose visceral. A previsão é de termos a vacina disponível, no mercado, no primeiro trimestre de 2004.

PHARMACIA BRASILEIRA - O senhor acha que a política de combate à Leishmaniose adotada pelo Ministério da Saúde está correta? Tem alguma sugestão a dar?

Márcio Fonseca - É notória a necessidade de melhorarmos a política de saúde pública. Veja o paradoxo: na medicina curativa, dispomos de alta tecnologia para exames auxiliares de diagnóstico, cirurgias e tratamentos compatíveis com o que há de mais moderno, no mundo. Já na preventiva, não temos o mesmo investimento. Por ser um modelo equivocados, a falta desse investimento representa altos custos com os pacientes hospitalizados, no que onera, e muito, o custeio pelo SUS. Minha sugestão seria envolver os professores de escolas dos Municípios na divulgação dos programas de saúde. Também, considero muito importante a participação dos médicos veterinários.

PHARMACIA BRASILEIRA - A Leishmaniose está na lista das doenças “negligenciadas”. Isso justifica o fato de ela não ser alvo de pesquisas por parte dos grandes laboratórios, e de estes não produzirem novos medicamentos para o combate à doença? De o arsenal terapêutico já estar superado?

Márcio Fonseca - No meu entender, sim. Utilizamos o que existe no mercado nacional e internacional, que no meu entender não é o ideal. Faz parte da atual política do Governo, a recuperação dos Laboratórios Estatais, seria uma alternativa para pesquisa e produção de novos medicamentos.

“O arsenal terapêutico utilizado pelo Ministério da Saúde (NR.: no tratamento da Leishmaniose) está atualizado, em níveis nacional e internacional, com o que existe em disponibilidade no mercado. Mesmo assim, não é o ideal”.

“Não interessa à indústria investir altos recursos financeiros num projeto cujo retorno é muito demorado”